

# A pesquisa psicanalítica dos fenômenos sociais e políticos: metodologia e fundamentação teórica

**Miriam Debieux Rosa**

*Professora doutora do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo e professora titular na Faculdade de Psicologia da PUC-SP. Coordenadora do Laboratório Psicanálise e Sociedade da USP e PUC-SP.*

*End.: Al. Joaquim Eugênio de Lima, 1041 - apto. 72 Jardim Paulista CEP 01403-000 S. Paulo SP*

*e-mail: debieux@mt2net.com.br*

## RESUMO

*O presente trabalho pretende fundamentar pesquisas que têm por objetivo desvendar a relação sujeito e fenômenos sócio-culturais e políticos, abordar as mudanças e os impasses da subjetivação na atualidade e estudar os fenômenos sociais. A exposição passa pela problematização da Psicanálise em extensão ou extramuros, que aborda, por via da ética e das concepções da psicanálise,*

*problemáticas que se referem à prática psicanalítica referente ao sujeito enredado nos fenômenos sociais e políticos, e não estritamente ligado à situação do tratamento psicanalítico. Este é um tipo de pesquisa da Psicanálise iniciado por Freud e por ele nomeado de psicanálise aplicada, campo de várias discussões e impasses. Apresentamos as principais dificuldades da área e sua pertinência teórica e conceitual, com base em várias abordagens e dispositivos de análise da articulação sujeito e sociedade propostos por Freud e Lacan, assim como por autores contemporâneos. Discutimos questões metodológicas da pesquisa psicanalítica que inclui inconsciente e interpretação. Por fim, debatemos a indissociabilidade entre pesquisa e intervenção quando se trata de psicanálise.*

*Palavras-chave: Psicanálise; fenômenos sociais; pesquisa psicanalítica; método psicanalítico; dispositivos psicanalíticos*

## **ABSTRACT**

*This work intends to pave the way for research aimed at unveiling the relation between the subject and sociocultural and political phenomena, examining changes and impasses regarding subjectivation nowadays and studying social phenomena. The exposition traces the problematization of the Psychoanalysis in extension or extra walls that approaches, via ethics and psychoanalytic conceptions, the difficulties of a subject intertwined in social and political phenomena, and not strictly connected to the situation of clinical treatment. It is a type of research akin to the psychoanalytic research started by Freud and by him called applied psychoanalysis, a field fraught with debates and impasses. The main difficulties in the area are presented and it is shown that it is theoretically and conceptually inserted in psychoanalysis. Several topics and analytical devices concerning the articulation between subject and society, by Freud and Lacan and by contemporary authors are discussed. Methodological issues of the psychoanalytic research dealing with the unconscious and interpretation are discussed. Finally, we debate the indissociability*

*of research and intervention in psychoanalysis.*

*Key words: Psychoanalysis; social phenomena; psychoanalytic research; psychoanalytic method; psychoanalytic devices*

O presente trabalho pretende apresentar uma contribuição da pesquisa em psicanálise para desvendar a relação sujeito e fenômenos sócio-culturais e políticos. A exposição problematiza a psicanálise extramuros ou em extensão, e propõe dispositivos de análise necessários à fundamentação desse tipo de pesquisa.

A Psicanálise extramuros ou em extensão diz respeito a uma abordagem – por via da ética e das concepções da psicanálise – de problemáticas que envolvem uma prática psicanalítica que aborda o sujeito enredado nos fenômenos sociais e políticos, e não estritamente ligado à situação do tratamento psicanalítico. Consideramos que esse tipo de pesquisa da Psicanálise – iniciado por Freud e por ele nomeado **psicanálise aplicada** – projeta um campo que vem se tornando palco de várias discussões e impasses.

Nota-se que houve um desvio sistemático em enfrentar as dificuldades e possibilidades da Psicanálise extramuros e várias das críticas a ela dirigidas merecem reflexão, uma vez que apontam problemas a serem enfrentados nesse tipo de prática. Neste trabalho, concentro-me em duas delas. A primeira refere-se à prática da aplicação de concepções teóricas e metodológicas a objetos externos ao campo em que foram criados: o campo das descobertas freudianas. A segunda dificuldade é levantada pelo próprio método, uma vez que a psicanálise freudiana não propõe um método a que todos os casos poderiam ser submetidos.

Uma das conseqüências problemáticas mais indicadas no caso da aplicação é a generalização, que projeta uma identidade indevida entre o individual e o coletivo. A psicanálise tem como premissa a superação do discurso produzido pela consciência; que é um campo de saber sustentado pela verdade do sujeito, o que não gera certezas ou generalização; e que considera que, no campo de investigação, o pesquisador sofre também os efeitos das descobertas, entre outras questões. Nesse tipo de pesquisa, teme-se incorrer seja na descaracterização e abrangência imprópria dos

conceitos – que acarretaria uma psicologização dos fenômenos – seja em abstrações generalizantes, indicativas da fragilidade epistemológica dessa área de pesquisa..

Quando entramos no campo do método, outro grupo de questões se põe em cena: a interpretação seria aplicada a material que não provém do inconsciente, visto que não resulta da associação livre, o próprio método de investigação da psicanálise. Como consequência, fica comprometida a legitimidade da interpretação, chamada por alguns de **selvagem**, porque é realizada fora do enquadre cênico que a legitima e fora do momento oportuno, o tempo que escande as sessões. Por fim, questiona-se o seu estatuto como prática da psicanálise, dado que tais pesquisas não engendrariam nenhum efeito ou remanejamento psíquico por parte dos sujeitos envolvidos.

As dificuldades apontadas nos levam a refletir sobre o enquadre necessário para produzir teses, descobertas, “invenções” em psicanálise. Este trabalho pretende arrolar brevemente algumas idéias sobre os problemas destacados, indicando-lhes direções de respostas. Ressaltamos que, sem dúvida, o enfrentamento de novos problemas necessita de uma certa afinação, refinação dos conceitos psicanalíticos, e de uma busca de dispositivos de análise de que seja possível lançar mão na articulação entre sujeito e sociedade.

## **A “aplicação” da crítica: Psicanálise e/ ou Sociedade?**

Como ponto de partida, assumimos que a chamada fragilidade epistemológica na utilização de concepções teóricas e metodológicas aplicadas a objetos externos ao campo em que foram criados pode revelar uma certa carência de fundamentos. É Freud quem primeiro lança a questão, e a trajetória de sua obra, atravessando praticamente todos os campos do saber, é testemunha irrefutável da possibilidade de uma psicanálise em extensão. É por intermédio de Lacan, contudo, que essa questão é trazida a público, e vamos fazer uso de suas balizas, acrescentando também outros autores, para esboçar um mapa provisório desse campo “extracampo”.

Apesar da ênfase dada à Psicanálise como teoria e técnica de

tratamento, Freud faz uso recorrente da análise de fenômenos coletivos para compreender processos individuais, além de afirmar textualmente que a psicologia individual é, ao mesmo tempo, social. Ressaltem-se os seus estudos sobre neurose obsessiva e as relações que estabelece com a religião e os vários textos de sua obra ditos sociais, dos quais destacamos alguns.

Em **Psicologia das massas e análise do Eu** (1921), texto fundamental para discutir a entrada do sujeito na cena social, Freud utiliza as idéias de **Introdução ao narcisismo** (1914) e do **Luto e melancolia** (1916), para discutir a elaboração do luto articulada à identificação e a transferência do investimento libidinal para outros objetos. Freud recusa a divisão indivíduo-sociedade, a divisão psicologia individual-social, e afirma uma concepção bio-psico-social. Ele demonstra as modificações psíquicas que a influência das instituições impõem ao indivíduo e considera que a entrada na vida social impõe modificações ao sujeito.

No capítulo VII do texto de 1921 – um dos mais importantes sobre o assunto, e sistematicamente destacado desse contexto – a identificação, um fenômeno habitualmente tomado como individual, é trabalhada de forma integrada à formação do ideal do eu e ao funcionamento do sujeito nos grupos e instituições. Apresenta o *sintoma compartilhado*, que pode ser considerado como precursor do *sintoma social*, que fornece a base das identificações históricas na instituição de moças, fornecendo reforço narcísico de cada uma e do grupo, assim como referenciais para as identificações imaginárias mútuas. Freud assim se expressa: “algumas de suas amigas (...) pegarão a crise, assim por dizer, através de uma infecção mental, e sofrerão, por sua vez, um ataque igual” (Freud, 1921/1972a, p. 135). Ou seja, refere-se a construções de ideais, que articulam narcisismo e sociedade, e referências que articulam o sujeito no laço social, inserindo-o em todos os âmbitos da cena social. Indica que novas operações se processam no bojo dos enunciados sociais, operações de construção de lugares que indicam a qualidade de pertencimento e reconhecimento do sujeito como membro da sociedade e que dependem das formas, condições e estratégias oferecidas por esse grupo – trata-se de análise política de atribuição de lugares sociais.

Em **Mal Estar na Civilização** (1929). Freud retoma questões narcísicas e institucionais, visando a relacionar a constituição psíquica e formas de enlaçamentos sociais. Demonstra que a cultura refere-se ao saber e poder que os homens adquiriram para dominar as forças da natureza e adquirir bens para satisfação das necessidades humanas. Com a função de suprir as aspirações humanas de ser protegido e consolado – cuidar do desamparo infantil; constrói organizações que regulamentam a relação dos homens entre si e a repartição dos bens por intermédio de seus dois aspectos: superegótico, com interdições renovadas, narcísico, buscando suprir tais satisfações, baseadas na afirmação de ideais diferenciadores de outras culturas. Nas lacunas desse processo, oferece ilusões.

Mais além das ilusões, o texto do **Mal Estar** traz o prenúncio de uma civilização violenta e destruidora, e demonstra que o próprio processo civilizador é o agente do fim da espécie humana, visto que a pulsão de morte domina a cultura. Há substituição do poder do indivíduo pela comunidade não por meio de relações de força, mas codificadas em lugares, obrigações e deveres; as proibições não levam em conta o que o homem é capaz de suportar. Assim, o domínio da natureza desencadeia a pulsão de destruição, o desejo narcísico de onipotência, da possibilidade de destruir todos os homens, propiciando mais violência entre eles e gerando inquietação. Para impedir violência generalizada desencadeia-se a culpa. A crueldade do superego passa a ser substituída pela crueldade das instituições que oprimem com coação direta. Nesse ponto, Freud antecede Lacan. Afirmando que quando as estruturas sociais deixam de ser simbólicas revelam suas regras nas expressões encarnadas de seu representantes.

Além disto, a Psicanálise aplicada tornou-se ramo da atividade psicanalítica, como bem lembra Michel Plon (1999) no artigo **A face oculta da análise leiga**. Em 1907, o autor dedica a coleção, **Escritos de Psicanálise Aplicada**, à publicação de alguns trabalhos como **Gradiva e Uma lembrança de Leonardo da Vinci**. Em 1911, é criada outra revista abordando o tema, a *Imago*, que contém os textos **Totem e tabu e Moisés de Michelangelo**.

Destacamos esses momentos, entre outros da obra de Freud, para demonstrar que a articulação entre sujeito e sociedade faz parte

da trama teórica e clínica da psicanálise, e consideramos com Plon que, apesar das oscilações de Freud quanto à pertinência dessas análises, ele visava, de um lado, desenvolver pontos obscuros em sua teoria e, de outro, testemunhar o seu conhecimento da irredutibilidade epistemológica da Psicanálise a outras ciências, mas também com a finalidade de evitar restringir o seu alcance, ou seja, caminhando na direção oposta das críticas. Recordemos que Freud pensava a psicanálise segundo três aspectos: um método de investigação do inconsciente, uma teoria e técnica de tratamento, mas também um corpo teórico que sistematiza os modos de funcionamento humano, tanto normal como patológico. Um exemplo ilustrativo de que Freud não pretendeu confinar a Psicanálise ao campo da Psicologia Clínica, ou apenas como um tratamento psicoterapêutico, é a frase a ele atribuída quando em viagem aos Estados Unidos: (eles não sabem que) **estamos levando a peste**. Se fosse uma referência ao tratamento psicanalítico, o que a Psicanálise traria de subversão, de peste? Freud incluiu na construção da psicanálise a investigação dos fenômenos sócio-culturais e políticos. Pretendia desvelar as ilusões presentes na sociedade americana; pretendia contribuir e mesmo conturbar os campos de conhecimento das ciências humanas e sociais e a análise dos fenômenos sociais. Mas não foi o que ocorreu, como demonstra, mais tarde, J. Lacan.

A proposta psicanalítica é retomada por Lacan nos anos 50, que critica a direção dada a seus conceitos, teoria e prática. Quando expulso da Sociedade de Psicanálise francesa em 1964 é acolhido por Althusser, na Escola Normal, onde passa a apresentar seus seminários fora, portanto, do meio psicanalítico. É de então o artigo "Freud e Lacan", de Althusser, considerado por Evangelista, "antes de mais nada, um texto de luta teórica, um ato político" (Evangelista, 1991, p. 11). Foi escrito para os membros do Partido Comunista Francês, com o objetivo de recusar o que ele chama de **camada ideológica de exploração reacionária da psicanálise**, e instando o reconhecimento da cientificidade da Psicanálise, oficialmente condenada pelo partido, nos anos 50, como uma ideologia reacionária. Nesse texto, ela alerta para os desvios ocorridos, afirmando que a psicanálise é diferente dos psicanalistas (p. 48). Althusser (1991, p. 71) salienta alguns problemas em aberto: como

entender, ao mesmo tempo, a aceitação da teoria freudiana, da tradição didática e do corporativismo das sociedades de psicanálise? Em que medida as origens históricas e condições sócio-econômicas do exercício da Psicanálise não repercutem na teoria e na técnica? Em que medida o silêncio – recalçamento teórico – com relação a esses problemas não afeta a teoria e prática da psicanálise?

Em 1965, na Ata de fundação da Escola Freudiana de Paris, Lacan distingue psicanálise como **intensão e extensão**. A primeira, a doutrina; a segunda, a prática e o recenseamento do campo freudiano, em que inclui a articulação da clínica com ciências afins, incluindo aquilo que do estruturalismo em certas ciências, pode lançar luz sobre a psicanálise (Plon, 1999). Coloca a psicanálise em extensão na dependência da psicanálise em intensão para diferenciá-la de uma sociologia quantitativa. “Repensa a ordem institucional em função de uma primazia atribuída à ordem teórica. E esta ordem teórica ele a deduz da experiência do tratamento enquanto passagem pela castração e pelo mito edipiano”, aponta Roudinesco (1994, p. 476), indicando que a direção para lidar com os eventos sociopolíticos envolve o modo de intricação teoria-prática próprio da psicanálise, gerando uma produção diferenciada da sociologia quantitativa e contribuindo com algo mais próximo à crítica social.

Nessa direção, a autora destaca três dispositivos para sua crítica da sociedade, distribuídos nos registros do simbólico, imaginário e real: o mito edipiano, como o fundador das sociedades modernas; a função da identificação, como presente na **Psicologia das Massas** e problema para a formação das **sociedades de psicanálise**; e, por fim, neste século, o advento do **sujeito da ciência**, fenômeno fundamental, segundo Lacan, cuja irrupção foi mostrada no nazismo. (Roudinesco, 1994, p. 478)

Além, de recorrer à Lingüística e à Antropologia, em 1968, Lacan escreve o Seminário 16 - **De um Outro ao outro**, não publicado, articulando seus conceitos com o pensamento de K. Marx. Explicita uma homologia entre o conceito de *mais de gozar* e a *mais valia*, e sugere a substituição da energética freudiana pela economia política: “em lugar de uma energética de Freud, ponho a economia política”; e afirma ainda: “a dimensão histórica, tal qual presente no



materialismo histórico, me parece estritamente conforme as exigências estruturais” (Lacan, 1968 , p.6). O encontro de J. Lacan com essa, leva-o a indicar, no Seminário RSI (1974-1975/1976), K. Marx como o inventor do sintoma. Ele utiliza sua obra em três problemas: o sintoma, relacionado com o fetichismo da mercadoria; o discurso (as relações sociais geradas pelo sistema de produção capitalista), e o gozo (a mais valia). Recentemente, foi Slavoj Zizek (1991) que salientou e discutiu essa articulação; a maioria dos psicanalistas tendo por longo tempo se referido à Psicanálise como tratamento, identificando seu campo unicamente como o campo da psicopatologia.

Logo, as relações com as ciências afins, assim como a articulação entre o sujeito e o campo sociopolítico, ocorreu tanto em Freud como em Lacan, possibilitando tomar a pesquisa de psicanálise em extensão como um dos campos da Psicanálise, dispondo de dispositivos e metodologia para tal tarefa.

## **Dispositivos de análise da articulação sujeito e sociedade**

A característica fundamental da pesquisa psicanalítica nos remete, mais do que ao tema, ao modo de formular as questões. Vejamos mais detalhadamente como alguns autores o fazem.

Althusser (1964/1991) considera que cabe à psicanálise elucidar alguns problemas na articulação sujeito e sociedade: pensar a relação da estrutura formal da linguagem com as estruturas concretas de parentesco, as formações ideológicas em que são vividas as funções específicas (paternidade, maternidade, infância); pergunta-se sobre a variação histórica dessas estruturas e como podem afetar a subjetividade – pergunta bastante atual. Pergunta-se também sobre quais as relações da psicanálise com sua condição de aparecimento histórico e quais as suas condições sociais de aplicação.

Birman (1994) afirma que algumas temáticas de outras disciplinas, como o poder, a crença, o valor, a ética, a violência, a cientificidade, assumem certa singularidade quando se lhes imprime um recorte psicanalítico “que retoma estes temas a partir do lugar da *função sujeito* em psicanálise”. Exemplifica vários pontos, dos quais

destacamos a leitura pulsional do poder, “recorte que remete para a oposição guerra e política, entre força e retórica, de maneira a buscar com estas equivalências um diálogo possível da psicanálise com a filosofia política” (p. 10).

Outros temas são também indicados por Plon (1999). Para esse autor, a psicanálise extramuros ou aplicada, como prefere, pode isolar os elementos da subjetividade empregados nas práticas sociais e esclarecer o que dessas práticas enriquece o conhecimento das engrenagens da subjetividade (alemães no nazismo). No campo dos processos políticos, sugere a investigação dos modos de relação transferencial e organização pulsional utilizados para governar; modos de evitação da castração a serviço da boa gestão empresarial.

A análise poderá ser feita, também, de acordo com Lacan, pela vertente dos discursos, que produzem uma certa forma de laço social, articulando-os à especificidade do fenômeno, suas determinações e seus efeitos subjetivos e intersubjetivos. Em Lacan, os laços sociais são laços discursivos; as relações de linguagem entre as pessoas definem as maneiras diferentes de distribuição de gozo. O discurso, um discurso sem palavras mas não sem linguagem, dá conta das relações intersubjetivas. Essas relações constituem-se a partir da circulação de certos elementos que, ao transitarem por diferentes lugares, produzem laços sociais específicos e promovem diferentes efeitos ou sintomas. O sintoma social (Askofasré, 1997) é tese construída aos poucos até RSI, **Seminário 22**, em 1974/1975. No início dos anos 70, Lacan muda de posição em relação ao sintoma: no Seminário 17, já reelaborando o anterior, o sintoma é referido ao discurso do mestre, como objeção ao desejo do mestre, desejo de que as coisas funcionem; relaciona discurso do mestre com discurso do inconsciente, esse saber que não pensa, não calcula ou julga, enfim, o trabalhador ideal, e a greve é o paradigma do sintoma, de sinal do que não vai bem no campo do real. Se o real não vai bem, isso impede que as coisas andem, trava a marcha, contraria o desejo do mestre e detém a produção do mais-de-gozar, causa do desejo do capitalista. O que Lacan introduziu como sintoma social não é oposto ao sintoma particular, com uma psicologia individual e outra coletiva; não há relação com uma patologia social, mas descreve uma forma de laço social

característica do capitalismo. Diferencia o sintoma social dos sintomas que aparecem no campo social, os fenômenos sociais.

O termo sintoma social é polêmico e utilizado de modos diferentes entre os autores. Melman (1992) considera que o sintoma social pode ser concebido como aquilo que está inscrito nas entrelinhas do discurso dominante de uma sociedade em dada época. Octavio Souza (1991) o considera como aquele que é sustentado por uma fantasia por meio da qual se denota o modo como os sujeitos controlam os ideais, buscando manter distante a castração. É sintoma social, uma vez que, apesar de a fantasia ser a mesma, os sujeitos ocupam vários lugares em sua estruturação. Jorge Volnovich (1993) não adjetiva o sintoma como social mas destaca seu estatuto de mensagem da conflitiva individual, familiar e sócio-política-institucional, mostrando como o sintoma tende a tomar a forma da cultura a que pertence; sintomas refletem uma organização subjetiva que contém uma mensagem e sinaliza processos sociais e particulares de sua forma de advir como sujeito.

Um dispositivo útil para a análise da articulação da construção da subjetividade aos laços sociais possíveis em dados grupos sociais é destacar o que os enunciados e a enunciação presentes na cena social sobre referentes fundamentais da organização social e psíquica elucidam sobre o imaginário dos grupos sociais, que atribuem lugares específicos ao sujeito. O imaginário social é, segundo Castorialis (1988), o conjunto de significações, normas e lógicas (dinheiro, sexo, homem, mulher, criança, etc) que determinam o lugar concreto que os indivíduos ocupam na sociedade. Esse conceito permite superar o de ideologia, na medida em que este último, ao definir crenças, também atribui um caráter falso às mesmas, enquanto o imaginário social envolve na própria definição sua índole de criação real e, ao mesmo tempo, de lugar de entrecruzamentos de ideais, cuja substância é tanto histórico-social como político-libidinal. Tais lugares permitem hipotetizar de que forma tais “realidades” interferem no sujeito ou fenômeno em questão. Ressalta-se a idéia de que é a partir de uma certa concepção de lei, paternidade, sexualidade e domínio que alguns são considerados ou excluídos como sujeito humanos, e podem ter acesso à escuta, à palavra, ao gozo, à cidadania (Rosa,

2000). Outro dispositivo é a análise das ilusões contemporâneas, referidas ao contexto de organização social atual, regido pelo discurso neoliberal.

Finalmente, o inconsciente freudiano é incompatível com a ilusão do individual, da autonomia e da independência no homem, uma vez que afirma a dependência simbólica do desejo do Outro, explicitada na forma como teoriza a constituição do sujeito através do processo edípico. Desta forma, constata-se que, se na análise do sintoma deve-se escutar o não-dito do discurso sujeitos, cabe acrescentar a força de determinação dos não-ditos dos enunciados sociais .

Nota-se que a crítica de que a Psicanálise está indo além de seu campo de origem refere-se muito mais a uma direção tomada pelo movimento psicanalítico do que a uma proposta imprópria ou externa a esse campo. Inúmeros são os modos como se pode desenvolver, dentro dos fundamentos éticos e teóricos da psicanálise, uma investigação dos fenômenos sociais, contribuindo para a elucidação de sua eficácia no processo de alienação do sujeito e apontando os laços que possibilitem a sua inclusão como sujeitos do desejo.

## **Inconsciente e interpretação: o método na pesquisa psicanalítica**

Vamos ao segundo grupo de críticas que se referem à impertinência da interpretação fora do tratamento psicanalítico, assim como a seu distanciamento do inconsciente, pondo em dúvida a consistência epistemológica da Psicanálise nesse campo. Quanto à suposta fragilidade epistemológica da Psicanálise, tomamos a inversão que faz J. Lacan (1969-1970/1992a), no **Seminário XI**, quando inverte a questão **A Psicanálise é uma ciência?** para a questão **O que é uma ciência que inclui a Psicanálise?** destacando uma nova postura epistemológica.

Freud considerou impróprias as categorias de racionalidade e objetividade para a compreensão do homem, uma vez que este vive por meio do mundo simbólico da linguagem. Inventou, então, um procedimento para desvelar o sentido da palavra do homem, e dar-lhe

VOZ.

O tratamento psicanalítico destaca a escuta do inconsciente, opera na transferência, com as associações do sujeito; escuta os efeitos do inconsciente, tanto no sujeito, como nos laços que produz, para a produção do saber inconsciente na transferência. Freud inventou um procedimento para que a verdade falasse: revelar os processos inconscientes que produzem os sintomas (realização do desejo), sustentados por uma fantasia, propondo, portanto, a reconstrução da fantasia inconsciente. Freud construiu conhecimento a partir dos impasses da clínica, formulando seu método – como quando chamou os efeitos de amor na relação terapêutica de **transferência** – e reformulando toda a sua própria teoria diante de novos impasses. O método é a escuta e interpretação do sujeito do desejo, em que o saber está no sujeito, um saber que ele não sabe que tem e que se produz na relação que será chamada de transferencial. Nessa medida, o psicanalista escuta o sofrimento e descobre que não deve eliminá-lo, mas criar uma nova posição diante do seu sentido. O sintoma é realização do desejo, o lugar da verdade do sujeito, uma mensagem, um enigma a ser decifrado; nele está o cerne da subjetividade.

O método psicanalítico vai do fenômeno ao conceito, e constrói uma metapsicologia não isolada mas fruto da escuta psicanalítica, que não enfatiza ou prioriza a interpretação, a teoria por si só, mas integra teoria, prática e pesquisa. O psicanalista não aplica teorias, não é o especialista da interpretação, nem mesmo da fantasia, posto que não é só aí que o inconsciente se manifesta; o psicanalista deve estar a serviço da questão que se apresenta. A observação dos fenômenos, está em interação com a teoria, produzindo o objeto da pesquisa, não dado *a priori*, mas produzido na e pela transferência.

A transferência apresenta-se como instrumento e método não restritos apenas à situação de análise. Se partirmos do princípio de que em outras situações (não estritamente analíticas) o método não se aplica, seus fenômenos não resultam da associação livre, temos que admitir que o inconsciente está restrito às manifestações do tratamento psicanalítico, à prática clínica. Ora, tal constatação

significa, acima de qualquer consideração, desprezar o fato de que o inconsciente está presente como determinante nas mais variadas manifestações humanas, culturais e sociais. O sujeito do inconsciente está presente em todo enunciado, recortando qualquer discurso pela enunciação que o transcende. A escuta busca, na linguagem, a articulação da libido e do simbólico. Freud já diz isso desde o início de sua obra, quando, para distanciar-se do estritamente patológico, vai do estudo do sintoma e do sonho, e escreve uma **Psicopatologia da vida cotidiana**, mostrando o inconsciente presente nos acontecimentos da vida diária, nos esquecimentos e chistes, presente, portanto, no diálogo comum. Dentro de sua especificidade, consideramos, com Laplanche e Pontalis, que a legitimidade da prática extensiva da interpretação “pode estender-se às produções humanas para as quais não dispõe de associações livres” (Laplanche & Pontalis, 1971, p. 329). Isto significa que se pode trabalhar a partir da escuta psicanalítica de depoimentos e entrevistas, colhidos em função do tema do pesquisador que, por sua vez, reconstrói sua questão nessa relação.

Esta é a relação teoria e prática em psicanálise. A prática não tem sabedoria própria – ela suscita idéias, a princípio indeterminadas, por via da construção e do trabalho do conceito que nunca acaba de se formar pois, uma vez fixado, despotencializa-se como conceito. É preciso perguntar se a existência de um conceito é necessária, e de que problema constitui a solução. O conceito deve nascer da necessidade própria da trama a que pertence, sem descuidar, em sua formulação, de como este se firma no solo da teoria selecionado para a investigação; os elementos comuns vão sendo destacados desse material, a fim de constituir a **questão** a ser estudada. Assim, embora a Psicanálise seja uma prática voltada para o singular, o trabalho teórico não pode ser dispensado; pelo contrário, a teoria constrói condições de descobrir os fenômenos sem se ater à mera experiência. É nessa relação que é possível construir, ultrapassar o já dito, construção que não se sustenta em uma linearidade e em que teoria e prática não têm autonomia. Mezan (1999) atribui às observações um valor **exemplar**, e o interesse em estudá-las consiste em apontar padrões, estruturas e correlações que, uma vez estabelecidas, podem servir de guia para a percepção

de algo equivalente no trabalho clínico. Tornam-se ferramentas para a inteligência de relações relevantes entre conteúdos psíquicos, ou entre estes e os mecanismos responsáveis por sua produção.

## **Pesquisa e intervenção psicanalítica**

Retorno ao questionamento sobre este tipo de pesquisa, já que não promoveria efeitos no sujeito. Um primeiro ponto a considerar é que pesquisa e intervenção não estão, na psicanálise, em campos distintos. Em pesquisas que envolvem tratamento psicanalítico, a aproximação dos dois termos é evidente. A pesquisa é a escrita do próprio processo, incluindo o pesquisador. No caso da pesquisa de fenômenos sociais cabe-nos uma reflexão sobre o modo de condução das entrevistas e a análise dos discursos envolvidos. Vamos retomar e diferenciar a situação da análise do dispositivo psicanalítico que permite a escuta. Este ficou imaginariamente colado à situação do atendimento clínico individual em consultório, mas deve ser retomado em seu eixo simbólico, evidenciando as condições que tornam possível a produção de um saber (Elia, 2000).

A escuta psicanalítica ocorre na transferência, que envolve tanto o sujeito como o psicanalista. A sua condição é construir um lugar situado como campo transferencial. A **escuta psicanalítica** implica que o analista suporte a transferência, ou seja, ocupe o lugar de suposto-saber sobre o sujeito – uma estratégia para que o sujeito, supondo que fala para quem sabe sobre ele, fale e possa escutar-se e apropriar-se de seu discurso. Esse campo permite uma relação que estrutura a produção do saber do sujeito, desde que o psicanalista renuncie ao domínio da situação e, pontuando e interpretando, possibilite a produção de efeitos de significação no sujeito: sujeito do desejo, engendrado pela cultura, mas que, em sua condição de dividido, pode transcender o lugar em que é colocado e apontar na direção de seu desejo.

A escuta psicanalítica é, desde Freud, transgressora em relação aos fundamentos da organização social; para se efetivar, implica um rompimento do laço que evita o confronto entre o conhecimento da situação social e o saber do outro como um sujeito

desejante. Dessa escuta – principalmente quando o sujeito se revela como tal, como um dizer – não se sai isento: uma tomada de posição ética e política torna-se necessária. As entrevistas ou situações que o psicanalista vai encontrar supõem que escute desse lugar que rompe as barreiras de um sujeito indicado a partir de seus predicados, sujeito psicológico ou sociológico, para resgatar a experiência compartilhada com o outro, escuta como testemunho e resgate da memória. O relato em si não basta, dado que pode ser apenas a repetição automática que se detém em atualizar o traumático. Também não me refiro ao relato que parece feito para saciar a curiosidade do outro, que passa mais por uma exposição do sofrimento para o deleite do outro, ou da exibição pelo grotesco – como se vê, freqüentemente, na televisão. A escuta psicanalítica supõe, retomo aqui, a presença do outro desejante, em tudo o que ela implica de resistência do analista, usada também como um contorno, uma borda organizadora do gozo sem limites. Nas histórias de meninos infratores, por exemplo, não suporto ouvir o relato cru de crimes que cometeram. O relato tem, na resistência do analista, o seu limite, o limite do fantasma que suporta o analista e que o norteia para detectar quando o dizer pode ser compartilhado em experiência de um sujeito na história ou quando é puro gozo no sofrimento, o seu próprio ou o do outro. Quando esse dispositivo se instaura, mesmo nas situações mais adversas, é possível vislumbrar os efeitos de destituição subjetiva e o caráter estruturante e organizador da escuta psicanalítica. (Rosa, 2002).

Outro aspecto a considerar, quando a pesquisa se refere à elucidação dos modos de captura do sujeito nas malhas institucionais, é a função do desconhecimento na formação e manutenção do sintoma e de seu gozo. Aponto apenas o que cabe na relação com a realidade social. Diz Zizek (1996, p. 306): “ideológica é uma realidade social cuja existência implica o não conhecimento de sua essência por parte de seus participantes, ou seja, a sua efetividade implica que os indivíduos não sabem o que fazem”.

Indico essa direção para ressaltar que a consistência do sintoma implica o não-conhecimento do que está em jogo da parte do sujeito, e que esse desvelamento pode ter efeito de dissolução. Ou seja, muitas vezes, a própria revelação das ilusões que sustentam os



sintomas pode ter efeitos nos mesmos. Ou pode, ao menos, funcionar – como o discurso da histérica - como denúncia da inconsistência desse Grande Outro-organização social.

Além disto, certamente há ainda outros caminhos de mudanças subjetivas fora do estritamente analítico. Lacan (1953/1978, p. 124) indica alguns caminhos para apreender *o não-dito*, assim como para trabalhar na clínica. Elucida a presença do não-dito quando afirma que:

“o inconsciente é esse capítulo da minha história marcado por um branco ou ocupado por uma mentira; é o capítulo censurado.” E acrescenta: “Mas a verdade pode ser reencontrada: freqüentemente já está escrita em Outra parte. Ou seja:

- nos monumentos: meu corpo, isto é, o núcleo histérico da neurose onde o sintoma histérico mostra a estrutura de uma linguagem e se decifra como uma inscrição que, uma vez recolhida, pode, sem perda grave, ser destruída;

- nos documentos de arquivos também: e são as recordações de minha infância, impenetráveis como eles, quando eu não conheço a proveniência;

- na evolução semântica: e isto responde ao estoque e às acepções do vocabulário que me é particular , assim como ao estilo de minha vida e a meu caráter;

- nas tradições também, e mesmo nas lendas que, sob uma forma heroicizada, veiculam minha história;

- nos rastros, enfim, que conservam inevitavelmente as distorções, necessárias para emendar o capítulo adulterado nos capítulos que o enquadram, e das quais minha exegese restabelecerá o sentido.”

Julien (1997) indica que, quando falta a transmissão privada, esta pode instaurar-se no público, ou seja, que o resgate e a pesquisa estritamente históricos têm seu efeito subjetivo, favorecendo a transmissão. C. Calligaris (1993, p. 192) aponta dois atalhos: a produção de um discurso político com acento sobre a necessidade de constituição da sociedade civil, que crie condições de convivência que não sejam paranóicas ou narcísicas, e, outro, mais próximo da

Psicanálise, que “consiste em levantar o recalque: lembrar a parte de História e Discurso que nós recalcamos, dizê-la – na vida cultural ou deitados no divã”.

Nesta medida, buscamos, dialogando com as críticas apontadas à pesquisa psicanalítica extramuros, indicar alguns aspectos que esta pesquisa pode elucidar, assim como alguns dos dispositivos teóricos e metodológicos possíveis. Ou seja, esperamos ter demonstrado que a psicanálise tem a sua forma específica de analisar a variação histórica e ideológica dos referentes fundamentais e sua relação com o sujeito, e de pesquisar os fenômenos sociais.

## Referências

- Althusser, L. (1991) Freud e Lacan. In *Freud e Lacan: Marx e Freud* (3a ed.) (pp.47-51). Rio de Janeiro: Graal. (Originalmente publicado em 1964).
- Askofaré, S. (1997). O sintoma social. In R. Goldberg (Org.). *Goza! Capitalismo, globalização e psicanálise* (pp. 164-189). Salvador, BA: Ágalma.
- Birman, J. (1994). *Psicanálise, ciência e cultura*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Calligaris, C. (1993) Sociedade e indivíduo. In M. Fleig, (Org.), *Psicanálise e sintoma social* (2a ed.) (pp. 183-196). São Leopoldo, RS: Unisinos.
- Castorialis, C (1988). *Los dominios del hombre*. Barcelona, España: Gedisa.
- Elia, L. (2000). Psicanálise: Clínica e pesquisa. In S. Alberti, & L. Elia, (Org.), *Clínica e pesquisa em psicanálise* (pp. 19-36). Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos.
- Evangelista, W. (1991) [Prefácio] In L. Althusser. *Freud e Lacan: Marx e Freud* (3a ed.)(pp. 7-45). Rio de Janeiro: Graal. (Originalmente publicado em 1964).
- Freud, S. (1972a) *A psicologia das massas e a análise do eu* (Edição

- Standard Brasileira das Obras Completas de S. Freud, Vol. 7). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1921).
- Freud, S. (1972b) *Mal estar na civilização* (Edição Standard Brasileira das Obras Completas de S. Freud, V.21). Rio de Janeiro: Imago. (Originalmente publicado em 1930).
- Julien, P. (1997). *A feminilidade velada*. Rio de Janeiro: Cia de Freud.
- Lacan, J. (1978) *Escritos I: Função e campo da linguagem em psicanálise*. Rio de Janeiro: Perspectiva. (Originalmente publicado em 1953).
- Lacan, J. (1992a). *Seminário XVII: O avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar. (Originalmente publicado em 1969-1970).
- Lacan, J. (1992b) *Seminário XI: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar. (Originalmente publicado em 1964).
- Lacan, J. (1976). Seminário RSI. In J. Lacan, Ornicar (pp.1-70). (Originalmente publicado em 1974-1975).
- Laplanche, J., & Pontalis, B.(1971). *Diccionario de psicoanálisis*. Barcelona, España: Labor.
- Loureiro, I. (2002) Sobre algumas disposições metodológicas de inspiração freudiana. In E. Queiroz & A. R. Silva (Org.), *Pesquisa em psicopatologia fundamental* (pp. 143-156). São Paulo: Escuta.
- Melman, C. (1992). *Alcoolismo, delinquência e toxicomania*. S. Paulo: Escuta
- Mezan, R. (1999). *Psicanálise e pós-graduação: Notas exemplos, reflexões* [brochura]. São Paulo: Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da PUC-SP.
- Pacheco Filho, R. A. (2000). O debate epistemológico em psicanálise (à guisa de introdução). In R. A. Pacheco Filho, N. E. Coelho Junior & M. D. ROSA (Org.), *Ciência, pesquisa, representação e realidade em psicanálise* (pp.15-42). São Paulo: EDUC & Casa do Psicólogo.
- Pacheco Filho, R. A., Rosa, M. D., Coelho Junior, N. E., Lo Bianco, A.

- C., Endo, P., Carignato, T. et al (Org.). (2002). *Novas contribuições metapsicológicas à clínica psicanalítica*. Taubaté, SP: Cabral Editora Universitária.
- Plon, M. (1999). A face oculta da análise leiga. *Ágora*, 2(1), 91-108.
- Rosa, M. D. (1998). A psicanálise frente à questão da identidade. *Psicologia e Sociedade*, 10(1), 121-128.
- Rosa, M. D. (2000). *Histórias que não se contam: O não-dito e a psicanálise com crianças e adolescentes*. São Paulo: Cabral.
- Rosa, M. D. (2002). Uma escuta psicanalítica das vidas secas. *Textura: Revista de Psicanálise*, 2(2), 42-46.
- Roudinesco, E. (1994). Jacques Lacan: Esboço de uma vida, história de um sistema de pensamento. São Paulo: Companhia das Letras.
- Souza, O. (1991) Reflexões sobre a extensão dos conceitos e da prática psicanalítica. In L. T. Aragão (Org.), *Clínica do social: Ensaíos*. (pp. 91-108). São Paulo: Escuta.
- Volnovich, J. (1993). *A psicose na criança*. S. Paulo: Relume Dumará.
- Zizek, S. (1996). O segredo da forma-mercadoria: Porque Marx inventou o sintoma? In S. Zizek. *O mais sublime dos histéricos* (pp. 131-148). Rio de Janeiro: Zahar.

---

Recebido em 07 de junho de 2004

Aceito em 23 de junho de 2004

Revisado em 10 de agosto de 2004